

João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004

Os Caminhos da Juventude: Música e Novas Expressões Políticas

Ana Paula Falcão*

***"Tire a naftalina da gaveta
Coloque em cima da mesa
Para não mofar as idéias"...***

(Severino Soul- Jonathas Falcão – A FUNÇÃO, 2002)

Apresentação

O presente trabalho busca discutir quais as formas atuais de expressões políticas da juventude e se essa se constitui numa categoria social. Essas são questões que se situam num debate atual e remete a comparações entre juventudes de diferentes períodos históricos; neste caso, esse trabalho tenta compreender o "comportamento político" de uma juventude que vive um tempo "distante" das grandes utopias transformadoras e que está inserida num contexto social em que o liberalismo moderno é a expressão mais acabada da submissão do indivíduo "à razão da autopreservação". Porém uma das coisas que é presente nessa juventude é a sua ação participativa em escolher o "espaço coletivo" como uma das respostas para o enfrentamento ao individualismo. Este é um tema amplo que envolve uma gama de comportamentos juvenis diferenciados, mas a contribuição desse trabalho se dará através de uma vertente mais cultural, buscando como sujeito de estudo da pesquisa algumas bandas de "Rock com misturas regionais" da Paraíba.

Juventude e participação política

No Brasil o tema da juventude está geralmente ligado a questões como violência, uso de drogas ou com algum comportamento juvenil classificado como exótico, ou seja, o jovem geralmente é objeto de estudo quando de alguma forma se torna "problema ou espetáculo". Nesse sentido, há um "certo desconhecimento" dessa nova geração de jovens, o que representa dificuldade em como se entender esses novos atores gerando quase sempre especulações que enfatizam atitudes e valores negativos. Vem predominando a tendência de comparar os jovens de hoje com as gerações anteriores, o que faz com que pareça que a atual juventude seja vista sempre pela falta, de "participação, de consciência, de expressão política e de engajamento social", já que as expressões e participações políticas dos jovens sempre estiveram presente na história de diferentes maneiras, com menor ou maior intensidade. Mas quando o foco é a presença social do jovem nos diferentes lugares, percebemos uma proximidade na capacidade dos mesmos se colocarem

como elo na condução de perspectivas para a sua sociedade. Isso é expresso em vários momentos da história; no caso do Brasil, os jovens brasileiros se fizeram presentes, ainda que de modo individual, desde o período imperial. A política "sempre" foi um meio pelo qual a juventude se expressou, e sua intervenção é notória no plano ideológico e nos movimentos revolucionários brasileiros anteriores à independência, inspirada nas idéias de Voltaire, Rousseau e Montesquieu, trazidas da Europa pelos filhos da aristocracia e propagadas por intermédio de suas sociedades e clubes secretos. Assim começa uma sucessiva participação dos jovens na política brasileira; nas campanhas pela abolição e pela proclamação da república, assim como as campanhas de cunho nacionalista, ainda na Segunda república quando a participação dos jovens universitários era ainda individualizada e foram estudantes operários que tiveram a primeira iniciativa de caráter classista. Já com a fundação da UNE em 11 agosto de 1937, após o segundo congresso da UNE, a organização estudantil adquiriu conotação política com pauta social voltada para as questões nacionais, como a luta contra o analfabetismo, a implantação de siderurgias, a crítica ao colonialismo, o antiimperialismo, ou o próprio trabalho no sentido da consolidação da entidade. Assim a participação política da Juventude brasileira se deu em grande parte através do movimento estudantil que ecoa aos dias atuais como sendo em certa medida, ainda a expressão política mais forte da juventude.

" No período mais duro da ditadura a universidade permaneceu como um dos únicos espaços possíveis para a elaboração e manifestação de uma postura crítica ao regime. Ela era então um elemento importante da vida cultural "engajada" do país: peças, filmes, palestras, debates, shows, toda sorte de eventos culturais que não podiam ser realizados em outros lugares em função da censura ou de obstáculos de razão mercadológica, eram apresentados no interior das universidades." (Abramo, 1994)

Mas a história nos mostra que com as mudanças sociais ocorridas a partir do fim da década de 70, e no início de 80, a participação política dos jovens deu-se de forma mais "diversa" na sociedade ampliando-se pelos espaços de lazer e pelas expressões culturais. A "identidade jovem" estendeu-se para uma parcela maior de brasileiros, ainda que assumindo todas as características da crise da sociedade brasileira, que vivia a perda do seu poder de consumo a cada dia. Isso gerou novas formas de expressões políticas a partir dos anos 90, porém carregando o individualismo como comportamento marcante devido a expansão dos meios de comunicação e consumo de massa, gerando envolvimento passageiros com causas episódicas. As escolhas individualistas e a naturalização do consumo são compatíveis com os tempos cool dos anos 90. Essa geração "indefinida", começa a se definir na relação com a tecnologia, mas maiores evidências se dão no campo cultural, na linguagem direta da música. A exemplo disso a "cultura clubber" se apresenta como um forte ícone em que a música tecno substitui, pela batida do som forte e excitante, a dificuldade de comunicação entre os jovens. Os jovens se unem em torno desta música estimulando a sensação de pertencimento a um grupo ou núcleo, a um nós. A música é hoje talvez o canal mais utilizado como forma de expressão política pelos jovens do mundo todo que souberam utilizar esse canal na busca de se fazer presente nos conflitos sociais, como forma de resistência, como forma de protesto ou mesmo como meio de discussão dos conflitos mais subjetivos presentes no meio social da juventude. Aqui no Brasil foi assim desde a Tropicália, passando pela Jovem Guarda, os grandes Festivais, o Rock nos anos 80, 90, o Hip-hop, a cultura Punk, os grupos Undergrounds e todo o aparato de novas representações musicais como Mangue-beat e as misturas de estilos carregadas de contestação política, valorização local, relação global-local e etc.

O importante é a relação da juventude com a música que se apresenta como um espaço não institucional de "participação política", de certa forma livre e

autônomo e ainda não tão regulador capaz de gerar espaços de sociabilidade, consciência crítica e capacidade reflexiva.

Podemos tomar como referência para observação das expressões de cultura e lazer dos grupos jovens urbanos, Abramo (1994), que critica a cristalização da idéia de que há uma essência da condição juvenil como portadora de utopias e de projetos de transformação. Para ela, é a partir desta ótica que a geração mais recente é comparada com as anteriores e qualificada pela "ausência de capacidade reflexiva", pela "passividade com relação a valores", pela "falta de empenho transformador". Sua análise sobre os grupos urbanos de jovens mostra a dimensão dos aspectos sócio-históricos e das expressões juvenis que vincula-se como resposta ao contexto social. Para ela, a juventude é um constructo histórico que diante de um contexto social com o qual está ou não identificada desenvolve relações próprias e imprime um conteúdo a sua transição fora das referências institucionais. Deste ponto de vista a autora considera possível a intervenção atual do jovem no espaço público, expondo-se, articulando uma linguagem própria, compondo músicas, multiplicando signos, levantando questões, que provocam respostas sobre a condição juvenil.

Através dessa percepção da juventude atual a abordagem está no compasso contemporâneo na medida em que percebe o jovem em sua criatividade e invenção sociais, discutindo que sua lógica, ao contrário do que ocorreu em outros tempos, não é só discursiva, mas também visual, suas referências não seriam utopias revolucionárias, mas sua organização política é reinventada através de novas expressões, de novos espaços de circulação e de sociabilidade.

E é nessa perspectiva que se constrói esse trabalho, na busca de entender como se processam os novos significados políticos de grupos juvenis e suas expressões culturais, desvendando quais são os seus espaços de circulação, percebendo como tecem as redes de sociabilidade em que estão imersos e identificando como constroem sua identidade.

Algumas hipóteses são levantadas para averiguação teórica, uma delas seria a de que os jovens formam uma categoria social pôr se constituírem em novos sujeitos e pôr produzirem outros significados sobre a sociedade, a política, "os adultos" e sua própria geração; ainda pode-se considerar como hipótese que as formas atuais de expressão política da juventude não se apresentam unicamente através de ações coletivas organizadas, lideranças e estruturas organizativas, mas atualmente apresentam-se principalmente através da produção cultural de novos significados sobre a experiência juvenil no mundo contemporâneo. Considera-se também que, as novas formas de expressão e de produção de significados relacionam-se com a experiência peculiar desta geração no âmbito da família, da escola, da rua, da relação com os pares e das influências culturais que recebe.

Construindo caminhos para a metodologia e a Pesquisa de Campo

Tomamos como justificativa para o recorte do objeto de pesquisa desse trabalho a importância que a música assume como forma de expressão do pensamento juvenil hoje. Essa relação da música com a juventude que é vista quase sempre de forma direta, como se fosse uma relação natural veio sendo constituída neste século principalmente através do jazz, pôr grupos juvenis considerados marginais. Mas é com o surgimento e expansão do rock que a música tornou-se uma expressão simbólica cada vez mais privilegiada da visão de mundo e valores dos jovens, e sua ligação com os setores juvenis passou a assumir a forma de um fenômeno social. Desde então, através da produção musical de ritmos e letras e do seu consumo, é possível apreender a complexidade das relações que os jovens estabelecem entre si, com seus valores e desejos.

Diante dessas considerações é que o recorte do objeto da pesquisa passa primordialmente pelas bandas de rock com mistura regional da Paraíba, especificamente quatro bandas serão analisadas, entre elas, Cabruêra, a Função, As Parêa e Chico Corrêa; serão realizadas entrevistas com os componentes das bandas, análise das letras das músicas e do comportamento das bandas nos shows. A metodologia utilizada nesse trabalho fundamenta-se numa metodologia compreensiva, não unicamente entendida numa perspectiva Weberiana, porém mais inclinada a uma perspectiva de Schutz, que clarificou a noção de Verstehen – o compreender em contraste com o explicar, erklaren – que se refere ora ao conhecimento do senso comum, ora a um método específico das ciências sociais. Tomando como proposta o estudo dos processos de interação que utilizamos em nossa vida de todo dia, para dar sentido as nossas ações e as dos outros. Sendo assim, tomaremos como procedimentos para análises verdades aproximativas e sempre com uma boa dose de relativismo, ainda que seja para nos levar a possíveis receptores de novos estados e coisas; isto é ainda mais importante quando se refere a vida cotidiana, como é o caso desse trabalho que parte de uma perspectiva etnográfica, considerando sempre que etnografia é antes de mais nada o relato pessoal a partir da escolha das estruturas de significação e de uma base social para daí fazer-se a descrição propriamente densa, numa visão austera onde o que importa é o reconhecimento de que existe o outro e que ele tem direito de existência enquanto diferente; para enfim construir um quadro onde represente-se o cotidiano através dos imponderáveis da vida diária e então interpretar o fluxo do discurso social, que é conjunto de comportamento, ideologias e atitudes subjetivas construídas quotidianamente. A interpretação desse discurso surgirá como análise do trabalho aqui produzido, considerando a responsabilidade ética com o sujeito observado – estudado, com o sistema cultural que se produziu e principalmente em como pensar o meu escrito, visto que esse será lido e interpretado não somente no meio acadêmico, mas inclusive, numa esfera maior da sociedade. Não interessa aqui uma verdade última, mesmo porque nesse sentido a verdade aqui é relativa e tributária da situação, pois se trata de um situacionismo complexo, em que o observador está, ao mesmo tempo, ainda que parcialmente integrado em tal ou qual das situações descritas pôr ele. Então essa observação passa a ter o olhar do observador, mas carregado também do olhar do pesquisado, e virse-versa, há uma troca simbólica de percepção de mundo como diria Geertz, em seus textos etnográficos ao apresentá-los como interpretações de segunda ou terceira mãos, ressaltando que a descrição feita neste processo é sempre antropológica e nunca nativa (Geertz, 1978, p. 25). Dessa forma há uma série de códigos e significados gestuais que só na observação participante poderei traduzi-los e assim dar conta do aspecto policromático do “todo social” que permeia meu objeto.

O método etnográfico me permitirá ter uma percepção mais próxima do real do meu sujeito de estudo, isso porque onde outros vêem dados, fatos, coisas, a etnometodologia vê um processo através do qual os traços da aparente estabilidade da organização social são continuamente criados; ou seja, no universo do meu sujeito de estudo há uma contínua construção social e é através desse método etnográfico que terei meios de dar conta das atividades cotidianas, triviais ou eruditas, bem como, será através desse método que analisarei as crenças e os comportamentos de senso comum como os constituintes necessários de todo comportamento socialmente organizado que circunda meu sujeito de estudo.

Trabalharei ainda com alguns conceitos básicos para o meu estudo, dos quais elenquei alguns, talvez os principais para melhor estruturar meu objeto de estudo. O primeiro deles a ser trabalhado seria o de noção de Individualismo junto a noção de holismo na perspectiva de geração de Sociabilidades, que é o que permeia parte da construção do espaço em que está imerso meu objeto de pesquisa. O outro conceito a ser trabalhado, talvez o mais central desse trabalho seria o conceito de “Novas Expressões Políticas”, buscando dentro desse conceito discutir o que seria a juventude como uma categoria social, considerando ainda a

questão geracional e construções identitárias. A partir daí darei corpo ao meu trabalho considerando duas vertentes teóricas centrais, a da política e da cultura.

Na primeira trabalharei numa perspectiva de uma política não institucional, mais cotidiana e aberta, como meio de formação, de possibilidade da preservação da memória histórica e de negação do esquecimento social que tomou conta da sociedade moderna; considerando a juventude como partícipe dessa política e construtora de novas formas de expressão política, potencializando sua força e poder na sua condição transitória, o que permite neste caso, uma flexibilidade, espontaneidade, autenticidade e relativa autonomia em relação as instituições, o que possibilita ao jovem novas formas de "fazer política" que não se situam mais unicamente na militância em partidos políticos, nos movimentos sociais, ou em grupos institucionais, mas agora fala-se através de outros meios, por outros canais, os quais no caso aqui colocados seriam meios culturais de expressão.

É então que trabalharei com a Segunda vertente a noção de cultura, especificamente com a música como meio de expressão política que vem se tornando cada dia mais presente no cotidiano da juventude. Se há algo errado na política institucional fale-se! Protesta-se e expressa-se sentimentos através da música! Se o cotidiano familiar está conflitante, as relações sociais também, a subjetividade mais íntima não corresponde ao seu ideal desejado, cante-se! Tenta-se musicar a insatisfação, o desejo de mudança! E assim expressa-se inquietações, medos, desejos, sonhos, necessidades simples como a de pertencimento, de fazer parte de algo, de um grupo, de encontrar sua "tribo", sua galera. Mais ainda, toma-se a música como meio de fala, de expressão que não se restringe apenas as letras das canções, mas que se expressa também pelos espaços de sociabilidade que se constroem, pela forma de se vestir, pelos códigos da fala, pela postura em palco e através da relação dos grupos musicais com o público e do público com os grupos, as letras das músicas e a forma como se dá essas relações nos shows; gerando uma nova cultura política, adaptada e construída as condições atuais da modernidade.

Considerações Iniciais sobre Música e Juventude

O tema **JUVENTUDE** hoje, remete a idéia de grupos, formas de sociabilidade e "tribos". Também está muito próximo da idéia de modernidade, utopia, militância, ideologia, rock, como também da idéia cristalizada de que juventude revolucionária é aquela dos anos 60, em que através do movimento estudantil a juventude conseguiu criar uma marca, uma essência que determina sinais de uma vida política organizada. Ser jovem foi por muito tempo ser **ESTUDANTE** e **MILITANTE** não importando porque ou pelo que se militava.

Atualmente a militância política possui novos significados e novas formas de expressão condizentes com o momento "perverso" destes tempos em que a modernidade contemporânea vive a condição de "globalidade", de desenraizamento, do global no lugar do local, em que as condições que constituem e desenvolvem o indivíduo são diferentes porque o próprio dilema do contrato social assume uma nova forma. A unidade social próxima não é mais referência e sim a humanidade como um todo. Nesse sentido o indivíduo tende a perder as bases de seu reconhecimento, as quais consolidam sua identidade, a saber, o equilíbrio entre sua liberdade individual e a coletividade que o incorpora. Isso porém acarreta reações diversas em que a juventude também incorpora essa globalidade, perdendo-se do sentido de pertencimento, de suas raízes e de seu espaço social, devido a massificação dos meios de comunicação e de consumo, conseqüentes da globalização, gerando igualdades que turvam a diferença e as particularidades existentes nos diversos espaços sociais. Diante disso o jovem torna-se dominado por relações fundadas na tensão da preservação de sua identidade regional, local e a necessidade de fazer parte dessa lógica globalizante.

Como se vê a relação de preservação da identidade – desejo de pertencimento é algo muito presente na juventude contemporânea porque é através do grupo que o jovem encontra referência para o reconhecimento das idéias que partilham; por outro lado querem e buscam ser indivíduos autônomos dentro do grupo. E é dentro dessa tensão que surgem as novas expressões políticas da juventude, onde fazer política para a juventude atual não pode ser um ato que abafe a individualidade; pelo contrário, o coletivo deve incorporar a forma de ser de cada um. Sendo assim, os espaços políticos e de sociabilidade gerados passam a ser não espaços institucionais como o partido político, o movimento social, os grupos presos a instituições (igreja, sindicatos, bairro), mas sim os espaços abertos, a rua, as festas, os shoppings , a música, a dança, o corpo e seu visual tornam-se os mediadores que articulam grupos que se agregam para dançar, curtir um som, trocar idéias, elaborar uma postura diante do mundo, alguns até com projetos de intervenção social. Cada um com um visual próprio, numa mescla criativa de adereços, onde esses grupos juvenis parecem antecipar uma “nova forma de estar no mundo” e de “novas relações sociais”. Essa perspectiva de autonomia dentro do grupo é percebida inclusive em grupos ditos institucionais como aponta Janice Tirelli (1999):

“Este aspecto fica mais claro quando se percebe o esforço de alguns jovens para trazer para dentro do grupo a informalidade e a reivindicação de um relacionamento “leve”. Rir, divertir-se, ser feliz na militância, é o contrário da nostalgia. Introspecção e desmedido altruísmo são vistos como sentimentos desenvolvidos em práticas políticas passadas, que para eles não cabem mais em um tempo em que a preservação das individualidades, embora sob controle social, são aceitas como legítimas.” (Tirelli, 1999, p. 194).

Nesse caso, essa busca por uma certa autonomia dentro do grupo torna-se algo muito presente nos grupos juvenis atuais e isso pode estar relacionado diretamente com uma questão mais subjetiva, em que o jovem procura nessa “autonomia” referências para a construção de sua identidade. Já que na sociedade contemporânea, de fato, ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira prioritária de definição cultural em que a vida social se diferencia em âmbitos de experiências múltiplas, cada uma das quais caracterizada por formas de relacionamento, linguagens e regras específicas. A complexidade e diferenciação da vida social abrem imensas possibilidades naquilo que diz respeito à capacidade de ação individual.

“A identidade como busca de um estilo pessoal e singular, numa crescente evolução da diferenciação do indivíduo em relação aos outros, tal como definiu Erickson (1976), centra o processo de identificação numa relação do indivíduo isolado, abstratamente autoconsciente de si e das relações com os outros e os grupos sociais.” (Carrano, 2000, p. 18)

Dentro dessa perspectiva a busca pela autonomia dentro do grupo se dá de modo a assegurar a unidade do sujeito e a continuidade da história individual e coletiva.

Segundo Carrano (2000), outros autores também entendem a identidade como um processo de redefinição contínua; uma identização (Melucci,1994,1991); uma identificação (Maffesoli,1996,1997). Aqui tomarei, ainda que considerando a idéia de Maffesoli de identificação como possível de contribuição futura, a idéia de Melucci de identização, em que a reflexão sobre a multiplicidade exige a consideração da identidade não como essência, mas como um campo de ação social em que este campo de constituição da identidade se define a partir de um conjunto de relações. Desse modo, a identidade é, em realidade, um eu múltiplo que não é

uma coisa mas, um processo de identização; de negociações constantes entre as diferentes experiências de vida.

Segundo Carrano (2000), Melucci coloca ainda que:

"O paradoxo da identidade é que é a diferença, para ser afirmada e vista como tal, supõe igualdade e reciprocidade. A vertente coletiva da identidade assegura ao grupo sua continuidade e permanência. A identidade, vista como um exercício permanente de interação, de reconhecimento recíproco entre nós e os outros, contém uma tensão não resolvida e insolúvel entre a definição que damos a nós mesmos e o reconhecimento que os outros nos dão. Quando estamos no interior de um conflito e sentimos a solidariedade de outros, quando nos sentimos parte de um grupo, isto reforça nossa identidade e a garante. Não nos sentimos ligados a outros somente pelo fato de haver interesses comuns, mas sobretudo, porque esta é a condição para reconhecer o sentido daquilo que fazemos. É nessa solidariedade que se dá aos outros que podemos nos afirmar como sujeitos de nossa ação e suportar a ruptura que o conflito introduz na relação social"(Melucci,1991).

Melucci, com sua idéia de identização consegue clarear as angustias construídas ao redor do conceito de identidade e mais especificamente me ajudar a embasar a idéia de que os grupos juvenis que buscam certa autonomia em relação a preservação de sua "individualidade" no grupo estão antes de qualquer coisa, na busca e na construção de sua identidade, regional, local, de pertencimento, afetividade e particularismo que o processo de modernização e perspectiva globalizante torna a cada dia mais desfigurado e conflituoso; nesse sentido, essa construção se dá numa mescla e miscelânea de representações culturais em que o global está no local e o local no global, onde as linguagens se constroem a partir de experiências múltiplas, de trocas constantes em que o jovem não é apenas uma representação, mas diversas, porém essencialmente carregado ainda que diluidamente, de suas raízes, costumes e tradição, o que lhe permite se sentir parte, não perder seu referencial.

Essa afirmativa pode ser ilustrada com a reação de jovens da platéia de um dos Shows da banda **Cabruêra**, em que a identificação da mesma com as letras das músicas, carregadas da história de sua região, bem como de costumes, ritmos e cultura, como ainda com a própria banda já conhecida nacionalmente e mais ainda no exterior, levando marcas de sua cultura a outras, faz com que o jovem da platéia sinta uma "profunda" identificação, onde seu valor cultural é exaltado, onde o orgulho por ser nordestino se expressa nas diversas formas (urros, pulos, gritos, assobios e muita satisfação estampada nos rostos), seria o momento em que apesar da multiplicidade desse ser jovem, naquele momento há um enfrentamento dele com sua história, com seu lugar.

Isso também é observado e considerado como uma "nova forma de expressão política" nas letras das músicas dessas bandas que enfatizam essa relação local – global e a necessidade de fortalecer sua identidade local sem se perder do global, do estar num mundo, nesse mundo diverso com milhares de culturas, raças e histórias. A necessidade porém, estar em não se perder da sua própria história, cultura, de buscar no meio de uma diversidade tremenda resposta para questões sociais, políticas e econômicas. As letras das músicas carregam também isso; histórias das mais diversas sobre um povo, sobre uma região que de certa forma é marginalizada e pobre. Como exemplo ilustrativo a Banda **As Parêa** conta em uma de suas músicas a história de "Zabé da Loca" – uma mulher que para sobreviver e cuidar de seus filhos morou numa gruta(loca) e os sustentou tocando pífano e trabalhando na agricultura (na roça) em uma cidade do sertão da Paraíba (Monteiro). Assim também uma outra banda **A Função** coloca em suas músicas essa relação do fazer parte de um mundo global, mas também local e de perceber o estigma de estar nessa história, de caminhar pelos caminhos da

modernidade e ter de acompanhar todas as inversões que se constroem com esta marca. Em uma de suas músicas eles falam : " Tire a naftalina da gaveta, coloque em cima da mesa para não mofar as idéias. Seu Zé Severino tocando um repente de repente vem na mente de tocar um soul (...) passei na feira pra comprar hambúrguer, queijo e feijão, deitei na rede pra fazer uma conexão. A minha avó mandou um e-mail lá do cariri pedindo pra eu mandar farinha e caldo de siri pra ela fazer um pirão(...) A nave se escondeu bem ali do lado com um ET de cabelo azul. A fome quando aperta o bucho, o luxo é pecado, churrasco de urubu..." assim como a função, outras bandas tratam dessa questão (global - local) muito bem; como é o caso da banda **Chico Corrêa**, em que misturam música eletrônica, cocos e ciranda.

Uma observação importante a ser feita sobre esses grupos musicais é que apesar de demarcarem bem um espaço identitário, não querem ser rotulados, taxados com algum estilo musical, preferem não se intitular, apenas fazer parte de uma nova geração, imersa numa busca por resgates culturais, misturando ritmos, estilos, sons e até criando sons com novos instrumentos. Essa é a marca de fazer parte de um mundo global, em que a criatividade e a autenticidade devem ser armas presentes contra a nebulosidade de um mundo moderno e global que se constrói e se desfaz muito rápido, como diria Berman, parafraseando Marx, um mundo em que "tudo que é sólido desmancha no ar". Onde a modernidade pode ser tomada como o exemplo extremo e mais acabado de regulação universalista.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta/ Ed. Página aberta, 1994.

ABRAMOVAY. M. ... (et al.). Gangues, galeras, chegados e rappers. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

AGLOMERADOS SUBNORMAIS. Diagnóstico e sugestões. Governo do Estado da Paraíba, Secretaria do Trabalho e Ação Social, FAC. João Pessoa, 1998.

ARCE, J. M. W. Vida de Barro Duro. Cultura Popular Juvenil e Grafite. Rio, Ed. UFRJ, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização, as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CALADO, Carlos. Tropicália: a história de uma revolução musical. São Paulo: ed. 34, 1998.

CARVALHO, M. ^a R. "Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política" in PEREIRA, C. ^a M. e outros (orgs.). Linguagens da Violência. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2000.

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. IBGE, Rio de Janeiro, 2000.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude: as identidades são múltiplas. Revista da faculdade de educação da universidade federal Fluminense. N 1, p.11-27, maio de 2000.

COUTO, Roberto Costa. História indiscreta da ditadura e da abertura (1964- 1985). São Paulo: Record, 1999.

COULON, Alan.. Etnometodologia. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

DAPIEVE, Arthur. Brock : o rock brasileiro dos anos 80. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

ERIKSON, Erik. H. Identidade, Juventude e crise. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

FORACCHI, Mverdanaice Mencarini. *A juventude na Sociedade Moderna*. S. Paulo: Pioneira, 1972. 168p.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991. (Original: The consequences of modernity).

GROPPO, Luís Antônio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart. A questão da identidade Cultural Tradução: JACINTO, Andréa Borghi Moreira e FRANGELLA, Simone Miziara.. São Paulo: IFCH/ UNICAMP, 1995.

MANNHEIM, K. The Sociological problem of gerations. In: Essay on the sociology of Knowledge. Londres.Routledge & Kegan Paul, 1952.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MEDEIROS, Paulo de Tarso C. A aventura da jovem guarda. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MELLUCI, Albert. A invenção do presente. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.

MINAYO, C. .. (et al.).Fala Galera. Rio de Janeiro, Garamond, 1999

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. Campinas: Pontes, 1999.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

PROST, Antoine. "Transições e Interferências" in ARIÉS, P. e DUBY, G. História da Vida Privada. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

POERNER, Artur José. O PODER JOVEM – História da Participação Política dos Estudantes brasileiros. Ed. CMJ. 4edição.

QUIROGA, ^a M. "Juventude Urbana Pobre: manifestações públicas e leituras sociais" in PEREIRA, C. ^a M. e outros (orgs.). Linguagens da Violência. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2000.

QUIROGA, A. M., SALLET, SEPÚLVEDA, T. M. Integração Social na Cidade. Programa URB-AL, II ENCONTRO BIENAL, Rio de Janeiro, Janeiro de 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice, o social e o político na pós modernidade. São Paulo; Cortez, 1999.

VENTURA, Zuenir. 1968, o ano que não terminou – a aventura de uma geração. Ed. Nova fronteira, 1986. 17 edição.

* Aluna do PPGS - UFPB

Grupo musical paraibano que mistura rock, forró, coco, ciranda e faz um resgate cultural através das letras de suas músicas. O grupo tem reconhecimento nacional, tendo sido entrevistado mais recentemente no Programa do Jô Soares, além de já Ter feito algumas viagens pela Europa, especificamente a França. Tendo em sua formação componentes de diferentes Estados brasileiros (Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro).

Grupo musical paraibano que mistura diversos ritmos de música como coco, embolada, ciranda, rock e forró. O Grupo acabou de gravar seu primeiro CD e alguns componentes da banda foram morar no Rio de Janeiro na tentativa de conquistarem um espaço no cenário musical brasileiro.

Grupo musical paraibano formado no final de 2001, tendo gravado seu primeiro CD (demo) em janeiro de 2002. O grupo mistura rock, coco, embolada, forró, soul, blues, baião dentre outros elementos. Atualmente a banda está dando um tempo nas apresentações no cenário Paraibano devido problemas internos de convivência entre os participantes. A banda já participou de diversos festivais, inclusive em outros Estados.

Grupo musical paraibano que mistura elementos regionais com musica eletrônica. A banda é composta por instrumentos tradicionais (guitarra, baixo, teclado, bateria), uma base eletrônica e instrumentos regionais como Zabumba, triângulo e outros. A banda existe aproximadamente desde 2001, tendo conquistado um espaço no cenário paraibano, além de está conquistando um espaço também no cenário nacional participando de diversos festivais em outros Estados brasileiros.